

## RESENHA

A DESBANALIZAÇÃO DAS FORMAS DE VIOLÊNCIA DA VIDA CONTEMPORÂNEA NA POESIA DE DIVANIZE CARBONIERI: ENTRAVES

THE UNVULGARIZATION OF CONTEMPORARY FORMS OF VIOLENCE IN DIVANIZE CARBONIERI'S POETRY: ENTRAVES

LA DESBANALIZACIÓN DE LAS FORMAS DE VIOLENCIA DE LA VIDA CONTEMPORÁNEA EN LA POESÍA DE DIVANIZE CARBONIERI: ENTRAVES

---

MARCIA ROMERO MARÇAL\*

---

O conjunto de 30 poemas da autora Divanize Carbonieri possui a faculdade de (re)educar a sensibilidade do leitor. O exercício hermenêutico de sua poesia nos leva a um deslocamento, a uma quebra no modo automatizado, convencional e superficial de encarar desde os aspectos aparentemente triviais do cotidiano aos acontecimentos políticos recentes que marcaram a história nacional (referimo-nos ao poema “Tramoia”).

A *poiesis* ou a temática de *Entraves*, fundamentalmente, consiste na desbanalização das múltiplas formas de violência da existência contemporânea, mediante uma linguagem que explora, na relação entre imagem, som e sentido, sua potência criativa, como um encontro entre espírito, música e matéria.

“Rumo” inicia o livro com o simbolismo da poesia vertida em um caminho enleado de flores roxas, “destroços menores/ dos meus desatinos” (CARBONIERI, 2017, p. 11), caminho interrompido, perdido, mas ao final retomado. O eu lírico dessa poesia púrpura, que parece nela ter encontrado, se não um rumo, ao menos um liame com a existência, expressa as ausências, os perigos, os impedimentos, a degradação, os fiapos que a entretecem, entristecem.

“Entraves”, emblematicamente, dá título ao livro. Longe de se apresentar como espaço de intimidade segura, aconchegante, a casa, provida de aparelhos domésticos, representa uma insistente ameaça à integridade física e psicológica de sua moradora. A vida mínima desintegra o corpo, em desajuste com um mundo cujos entulhos e trastes arruínam a sanidade mental.

---

\* Departamento de Letras, Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.  
E-mail: romeromar@uol.com.br

Separando o tempo em que havia uma união entre a arte e a experiência do tempo em que se perdeu a síntese dessa potência vital, o poema “Riscos” denuncia o empobrecimento da cultura indígena, ao narrar como os utensílios e o corpo da cunhatã, antes traçados por desenhos policromáticos e cíclicos, por dias longos e soltos, agora, no tempo do niilismo moderno ocidental, mostram o descompasso entre mente, natureza e trabalho. No passado, lucidez, equilíbrio, dignidade se vinculam ao ritual da caça e à pintura autóctone; no presente, os signos de negação – “não”, “sem”, “des-”, “apenas” – acumulam-se para enfatizar as ausências: “riscos sem sentido encompridando-se” (CARBONIERI, 2017, p. 17).

O dualismo entre luz e sombra, metonímia e metáfora de vida e morte, mas também, ambigüamente, metonímia do carro e metáfora de sua ação mortífera, constitui o elemento irônico da composição de “Animais”. Essa nova denúncia do abandono de nossos semelhantes (na diferença), que habitam os espaços urbanos, à mercê da velocidade dos automóveis e das máquinas, reveste-se de um verniz sutil que apenas faz alusão em um verso ao instrumento responsável pelo evento catastrófico. As rimas consoantes delineiam uma trajetória de fluxo e refluxo em consonância com o vaguear ritmado, porém, de rumo incerto, dos cães e gatos desventurados de Cuiabá. Os versos esboçam a paisagem desoladora dos atropelamentos diários de uma cidade onde o rápido crescimento provoca o “silêncio sereno de vielas e artérias” (CARBONIERI, 2017, p. 23).

O estilo engenhoso e bem urdido da escritora é encarnado, principalmente, por “Equivalente”. Uma métrica, que assinala a repetição dos hemistíquios ao longo de seus versos, forma a figura do homem dissociado de si mesmo por não ser capaz de reconhecer nas mulheres um valor de igualdade. As expressões “moço – velho carma”, “equilibra – equivalente”, “deseja – desdenha”, “armações – seduções” configuram antíteses e sinonímias, potencializadas por intensas aliterações. As tramas, armações e seduções do infeliz homem, que ostenta seu poder fálico, representado pelo jogo de sinuca e pelo “taco na vertical/ na extremidade do indicador” (CARBONIERI, 2017, p. 25), só revelam “o coração medroso de cão” de quem procura “colo e ventre”, mas não encontra “alma equivalente”, ou seja, *equi-valente*.

Com extrema economia de palavras e verbos, constituído por versos encadeados numa ordem sintática da qual depende a história violenta e, ao mesmo tempo, sublime

da miscigenação colonialista, o poema “Mestiça” mostra-nos, não somente nos conta, a relação de dominação entre o branco e a escrava, capturada e aviltada, que gesta uma “espiga de ouro”: “uma digna herança/ da criança mestiça” (CARBONIERI, 2017, p. 30). A arquitetura sonora do poema retumba aos ouvidos como a velocidade do látego castigando o lombo do escravo. Os ecos de cada ato bárbaro se exprimem em uma rima perfeita entre a última palavra de um verso e a primeira do seguinte, criando um efeito sonoro e semântico de cavalgamento. Por exemplo,

o impacto súbito  
decúbito ventral  
teatral para um tombo  
o lombo açoitado  
acoitado o espírito  
sem mérito algum  
(CARBONIERI, 2017, p. 30)

E, assim, sucessivamente, os sentidos se desdobram em ressonâncias que vão cortando, cada vez mais profundamente, a epiderme e a memória da mestiçagem colonialista e pós-colonialista.

Há um olhar patente em *Entraves* que cruamente descarna a negatividade da vida e se oferece mediante uma linguagem seca e pungente. “Demência” traz esse olhar ao abordar a senectude com uma ironia inclemente. Habilmente, a poetisa destaca a zona que separa a vida da morte, alinhando no princípio dos versos um, oito e 12 os vocábulos “entrementes”, “entretanto” e “entrevado”, que reforçam, através da partícula “entre”, a ideia de intervalo de tempo intermediário, iminência do fim – “entrementes o suprassumo/ da demência se manifesta/ sempre na emergência/ da última fase da vitalidade” (CARBONIERI, 2017, p. 31). Apesar de toda decadência e sofrimento, da inevitável morte, o personagem do poema se apega pertinazmente “ao fiapo/ de existência que o sustenta” (CARBONIERI, 2017, p. 31). Essa inconformidade com o destino mortal parece um último afã da mesquinhez humana. Envolto na ausência e na obscuridade, paralisado pela decrepitude, a insistência em estender o último fio que o prende à vida é percebida como uma vã atitude. Como já visto em “Animais”, a vida é imaginada como um fino tecido ligado à morte, sobre o qual nos sustentamos e nos equilibramos, com dificuldade, porque sempre está prestes a romper.

A verve poética de Carbonieri também encontra na matéria orgânica insumo metapoético para

trafegar pelas linhas  
feito a seiva que  
se translada pelos veios  
lenhosos dos troncos  
na selva de folhas verdes  
entrelaçadas pelo silvo  
do vento perfurado  
por espinhos afilados  
transitar pelos versos  
feito a serpente que  
se insinua pela vala  
funda atravessada de  
lama espessa em que  
salvínias fecham a  
superfície em vários  
filamentos e lâminas  
tropear pelas palavras  
feito a aluvião no leito  
fluvial transportando  
sedimentos em sucessão  
atravancando as enseadas  
escavando os pontais  
transtornando o fluxo  
lento da travessia  
(CARBONIERI, 2017, p. 37)

“Aluvião” sonha a dinâmica poética como fisiologia da natureza. As águas fluviais, seus componentes vegetais, seus habitantes animais, seus minerais, seu movimento, formas e atmosferas se transformam no devaneio da linguagem lírica. O sujeito da poesia trafega, transita, tropeça como, e objetificado em, seiva, serpente, aluvião. Em sua travessia, espinhos, lama, sedimentos, mas também folhas verdes, salvínias, enseadas. Os veios, o silvo, os filamentos são caminhos profundos, interiores, por onde passa esse fluxo lento (do rio, da vida, do mundo) da poesia que escava, avanca, transtorna o ser que dela se sente aluviado. O tópico *vita-flumen* recriado em *poesis-flumen*.

Se o onirismo diluviano incendeia “Aluvião”, “Sono” é embalado por um onirismo noturno. Nele, esse eu lírico que, na maioria dos poemas, se oculta detrás da terceira pessoa, signo da narratividade, relata o dia pontuado por gestos fortuitos (de

amor), encravados naquilo que Freud (2011) chamou de origem da consciência, a culpa (de não amar, da morte), esperando dormir “o último sono antes/ da noite tensa e sempiterna” (CARBONIERI, 2017, p. 38). Há, sem dúvida, um fluxo de consciência que absorve uma compaixão pela ação destrutiva do tempo ao compadecer-se “da pitomba/ amarelada nessa seca” (CARBONIERI, 2017, p. 38), uma leve amargura que “consome a memória da mãe” (CARBONIERI, 2017, p. 38). E, em contraste com esse tempo fugaz, a eternidade do último sono noturno. Nos termos de Salinas (1980), a eterna oposição entre temporalidade e eternidade, que nos visita na chegada do sono.

Da mesma maneira que “Sono” desafia sentidos entremeados nas malhas de “Aluvião”, “Azul” parece vicejar de “Sono” e seguir o viés dos retratos de injustiças sociais. Também “Tramela”, “Lâmina” e “Trastes” guardam entre si, e com os demais poemas, uma organicidade, não obstante a multiplicidade de assuntos, de enfoques e sentimentos. O diálogo entre os versos de *Entraves* está a serviço da proposição dos desajustes da existência “Complexa” “em meio ao caos” (CARBONIERI, 2017, p. 57) dos novos tempos modernos. É veiculado por um tom irônico, cético e reflexivo e subjaz a uma atitude crítica imbuída de uma gravidade enigmática. Trata-se de uma intratextualidade caracterizada por um rigor formal revelado no esforço incessante de acertar na precisão das palavras para que seus efeitos sonoro, semântico, imagético e mágico alcancem o paroxismo poético.

Por um lado, Carbonieri se encontra de braços dados com os poetas da pós-avanguardia do século XXI, despreocupados com o princípio da originalidade e da invenção. Não obstante, debruça-se sobre a criação poética com o afínco da experimentação formal, ao modo modernista. Por outro lado, guarda uma sóbria distância da poesia concreta, epigramática, ao não suprimir o verso, muitas vezes, inclusive, próximo a uma certa regularidade métrica. Herdeira da problematização da diversidade, da alteridade e da diferença, enfeixadas na década de 1990, sua poesia não se alia, contudo, à ingenuidade e à antiliterariedade da poesia marginal. Talvez, como nos indica Benedito Nunes (2009, p. 168), a arte de Carbonieri congregue “a tematização reflexiva da poesia”, forte vetor da poesia da década de 1980, associada a uma sensibilidade política sem, no entanto, possuir “a crença na eficácia social da palavra poética”.

\*\*\*\*\*

REFERÊNCIAS

CARBONIERI, Divanize. *Entraves*. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2017.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NUNES, Benedito. *A chave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SALINAS, Pedro. Elegía y sermón: “Coplas por la muerte de su padre”. In: Deyermond, Alan. *Historia y crítica de la literatura española: Edad Media*. Barcelona: Editorial Crítica, 1980. p. 334-339.

\*\*\*\*

---

Submetido em 09 de outubro de 2018

Aceito em 06 de abril de 2018

Publicado em 28 de maio de 2019

---